

Publica-se todos os Domingos.

Jornal critico e humoristico.

**Assignaturas pagas
adiantadas.**

CÔRTE & NICTHEROHY.

Anno	15\$000
Semestre	8\$000
Trimestre	5\$000

A redacção deste jornal recebe artigos e desenhos que lhe sejam enviados, os quaes não serão entregues quando mesmo não sejam publicados, ficando toda a responsabilidade a cargo da redacção; para esse fim as pessoas que nos queirão honrar com tal remessa, dignem-se remette-la ao escriptorio da redacção até ás quatro horas da tarde.



Interdum vocen Merrimac tollit.

O MERRIMAC.

Lith de J Riscado R do Sñr dos Passos 91, Rio de Janeiro

Escriptorio de redacção

Rua do Senhor dos Passos N. 91.

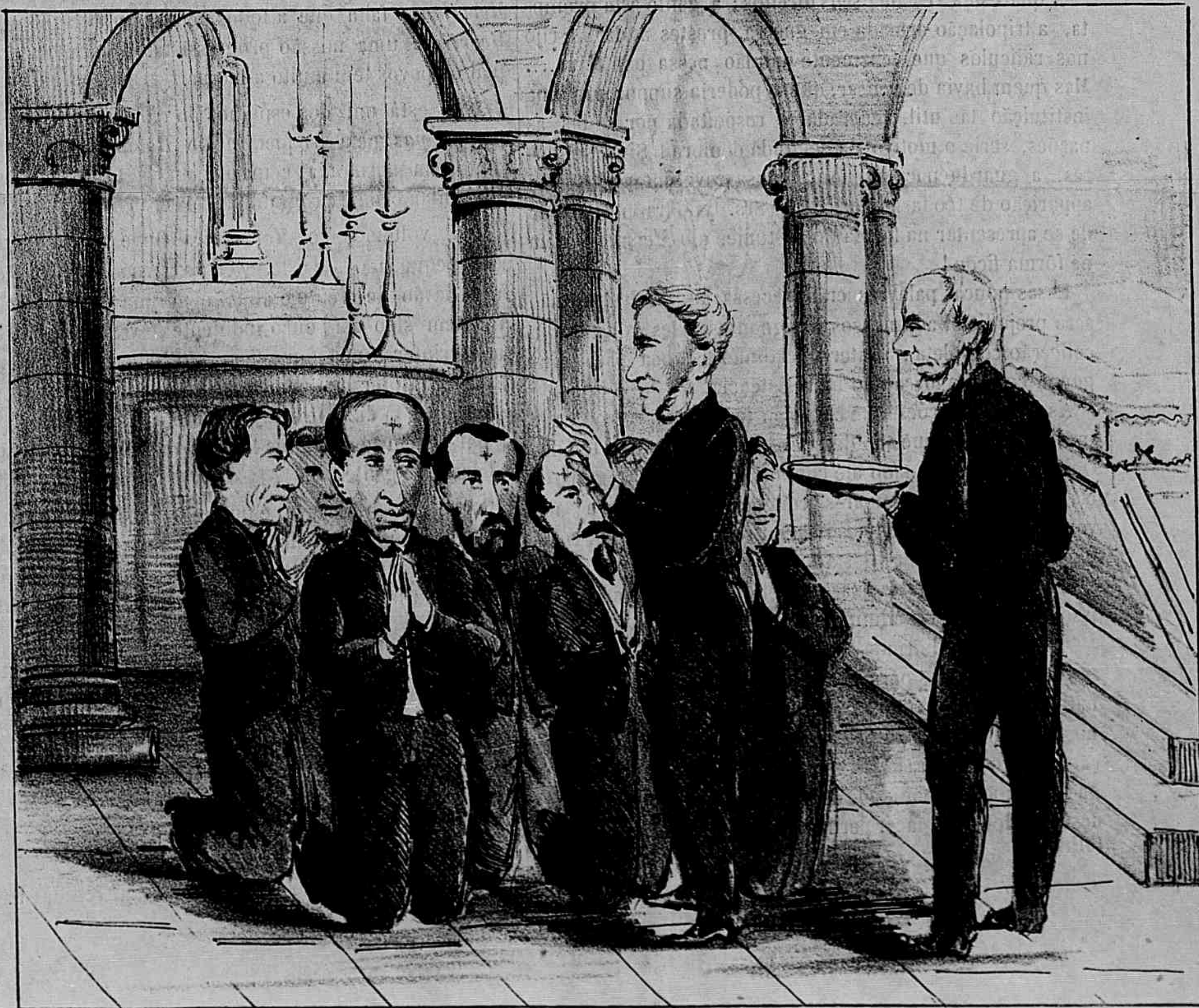
PROVINCIAS.

Anno	17\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	6\$000

Qualquer reclamação ou exigencia da parte dos nossos assignantes será immediatamente satisfeita.

As assignaturas podem começar em qualquer época, acabando porém sempre no fim dos competentes trimestres.

Os Srs. assignantes que queirão satisfazer suas assignaturas, o podem fazer no escriptorio da redacção.



O MERRIMAC

Rio, 28 de Novembro de 1864.

Aos nossos assignantes.

No n. 17 apresentavamos a nossa gente tripolando um valente navio.

A viagem promettia ser feliz: uma brisa faceira fazia correr velozmente o batel sobre as aguas da Fortuna. Mas Eolo, Deos dos ventos e das molecagens maritimas, veio infelizmente realizar o nosso distico, a tentativa foi mais que arriscada, este respeitavel mythologico não teve socego em quanto não usou de todas as suas traquinadas contra nós, até que o gageiro da prôa avistou terra; estavam esquecidos nossos tormentos, estavamos salvos!

Não leitor benevolo, esbarravamos com o carnaval.... Mais um atrazo! que não pensarão de nós os nossos assignantes? pessoas sizudas e sempre respeitadas pelo caixa do jornal.

A idéa que seria deleixo de nossa parte, fez-nos perder os poucos cabellos pretos que possuíamos:

Mas digressões não são desculpas, o nosso fim é obter o perdão geral.

Prossigamos pois!

Passão-se os dias da folia.

A quaresma reclama seus direitos; a gente está prompta, a tripolação armada em guerra, prestes a dar de rijo nos ridiculos que felizmente pululão nessa boa terra.... Mas quem havia de pensar, quem poderia suppor que uma instituição tão util, venerada e respeitada por todas as nações, seria o motivo da segunda demora! Sim, senhores, a guarda nacional foi a causa involuntaria da não apparição de tão faceto jornal. Os Srs. typographos tiveram de se apresentar na fôrma do costume, e o *Merrimac* nem na fôrma ficou!

Essas poucas palavras erão necessarias. A demora não será prejudicial aos nossos assignantes, elles receberão a collecção completa; a interrupção não foi boa para ninguém, contra a força não ha resistencia.

As administrações que começam teem sempre contra si mil empecilhos que não desapparecem senão com o tempo. O *Merrimac* tem lutado até com os elementos! que parecia-nos não dever occupar-se com tão pequena cousa; má vontade de uns, pouco caso de outros e o que tem cohibido a marcha regular desta folha.

Esperamos ser mais exactos pelo futuro contando para isso com uma nova administração.

Antes de concluirmos chamaremos a attenção dos artistas e conhecedores para o nosso desenho representando o baile mascarado do theatro lyrico. O Sr. Alfredo Michon, nosso desenhista, não podia ser mais feliz em sua concepção, posições engraçadas, movimentos verdadeiros, emfim nada escapou a habilidade de seu lapis. A publicação deste desenho deve-nos fazer perdoar a longa demora da nossa folha.

A REDACÇÃO.

Chronica da Semana.

DE COMO SE RESOLVE UM HOMEM A METTER MÃO EM SEARA ALHEIA.

—CONTA-SE MUITA COUSA QUE AINDA NINGUEM SABE. — CAVACO, A QUISA DE PALESTRA COM OS LEITORES.

E eu disse comigo:—vou eserever uma chronica!

Gelou-se-me o corpo até à medula dos ossos, irriçarão-se-me os cabellos, fiz-me verde negro, e não me recordo se até perdi a falla! taes são os effeitos que em mim faz a tal palavrinha magica, que a tantos parece nada; mas eu que o escriptor nada sem auxilio de boias e portanto com pouca esperanza de salvamento; mas, visto que é preciso tirar dos hombros esta tarefa:

Soltemos vela ao vento: o resto á sorte!

Ha muito quem entenda que uma chronica, é a narração mais ou menos exacta e minuciosa do que foi pelo mundo no periodo docorrido: bom era que assim fosse! Para mim a chronica é como um complemento de toilette, e a dama que o não encontrar de boa qualidade, pôl-o-ha de parte de certo: devo dizer que tenho muito amor proprio, e que isso me feriria.

Vou, pois, entrar em materia como posso, como sei, é não como quero.

Da semana que findou deverei apresentar como primeira novidade, a não publicação do numero respectivo do *Merrimac*, falta que a todos penalizou, por que vêem no *Merrimac* uma missão progressista, civilisadora e com a qual os povos tem muito a lucrar.

Aqui está um dos espinhos do *chronista*. Candidato a *puz de paz* pela frequencia do *Bananal*, terra que está muito em harmonia com o meu bestunto, começava a apresentar o meu programma! Precalços do officio!

Mas, voltemos ao *Merrimac*. Ouve muito quem pela boca pequena dêsse este joven ás portas da morte, outros já o davão de frente e afinal nem uma cousa, nem outra era: tem sido um pouco indolente, é verdade; mas é que em escriptores não á que fiar: são todos uns... flauteadores... Escriptor a quem se pedio um artigo, ainda o não começou, e já diz que está prompto á muito tempo! E vão lá fiar-se em escriptores! Deus nos livre d'elles, que é má casta de gente.

O que porém, é certo, é que o carnaval tambem influio um pouco, só esta doença *moral* que acometteu o redactor e *tutti quanti*, e portanto, dêem-se as culpas a este e releve-se a falta que o *Merrimac* commetteu involuntariamente.

Mas, leitores meus: esta semana, não digo bem, este mez, para em tudo ser aziago, até levou ás trevas do nada, o nosso *consultorio omnibus*, onde eu e tantos outros tinhamos seguras garantias ao nosso futuro de escriptor. E' o caso de dizer-se:

Vaes a baixo—caridade

Vens acima—realidade

e a realidade é esta: a realidade foi o *tant echec*, e não que

Agua branda a cahir na pedra dura gotta a gotta a bater, a vasa e fura.

Entremos, pois, a *de profundis* de verdadeiro sentimento pela prematura do primeiro e unico *consultorio-civico caridoso — letrado — artistico — scientifico — praxista* etc.

E agora... aos theatros. *Ahi é que me dóe*: ahi é que ha novidade que ferve, mosquitos por cordas, cousas do arco da velha, depois que livre do taboado dos tres dias; voltarão aquelles monumentos da arte á sua antiga seriedade.

Comecemos pelo primeiro dos nossos theatros que é de certo o Lyrico Fluminense. Primeiro a documentar ao estrangeiro o nosso atrazo, primeiro em desordem, primeiro até no nome!

Tem estado ás moscas: envergonhado da decepção por que passou vendo tão mal recebidos e tão desprezados os decantados *Homme do mar*, só os bailes carnavalescos o virião tirar do estado n. elancolico em que jazia: aproveitando occasião, pôz tambem a sua mascara, fez pomposos convites e pôde assim escapar ao escarneio de quem esperava momento azado para escapar-se a algum signal de menos segurança...

Mas como n'este mundo, tudo tem o seu S. Miguel, foi a Risette fazer-lhe uma visita com os seus collegas do *Alcazar*, e dizer d'ali *adeus* ao publico, o que attrahio bastante gente, apesar do máo tempo. Tudo ali era alegre e festivo n'essa noite: parecê-me até que o theatro sorria tambem, ao ouvir o entrepito das palmas e applausos, ao echoarem nas suas paredes os — *bravos*, — como recordação de tempos que já forão e que, quiçá, jámais voltarão.

S. Pedro, o decantado templo *civilisador* da arte dramatica, se não sabe do atoleiro d'esta, então é desenganar que nunca mais sabe.

Acaba de dar a alma ao Creador a tal *Associação Dramaticá*, e o antigo gerente passou a empresario: Deus o fade bem; mas... não me cheira, por que quem torto nasce, tarde ou nunca se indireita; e aquelle, se não nasceu torto, entortou mnito cêdo, e a tortura agora difficilmente se remediára.

Durante a semana deu-nos dramalhões de que fallavão muito nossos avós, tal como Castro V, e do nosso tempo o celebre 29 em 20 edição, pelo actor Germano, *digno rival* do João Caetano (!!) Se Deos o não chama para outro caminho; bem pôde ir representar 29 para a roça. E o sonho?! que sonho!! bem horrivel lhe devia ser a despertar que lhe fez sentir que... *não é com essas*.

Com quanto eu seja muito amigo de não divulgar segredos, sempre direi que estava a meu lado um ratão que teve a esquisitice de querer perguntar ao Reis, se elle sabe o que é um sargento? perguntai-lhe o por que, e o homem, pondo-se nas pontinhas dos pés, respondeu-me: — Olhe para ali e veja que ares dá aquelle homem! parece mais um velhinho remendão de vão d'escada, do que um sargento no vigor da idade. E foi-se, fumando.

Mas, voltando a S. Pedro. Triste noticia vou dar: — Parte a Antonia Marques (creio que é o nome d'ella, a julgar pelas iniciaes A. M.) ou o *anjo dos pés grandes*: vai casar com um vulto dramatico, levando comsigo toda a

bagagem que se compõe de um *signal preto feito pela natureza* com tinta artificial, e um bahu especial, grande dose de tolice, de asneira, um *coraçon* dourado pelo *sançon* grande data de amor proprio, uns saíotes curtos do Porto (de uso antigo) e algumas cartas do *menino Aguiar*, que devem servir em occasião opportuna.

Eis a que estado chegarão os theatros no Rio de Janeiro: deixão partir damas *ingenuas* deste calibre e querem fazer fôrta, Ah! muito parvos são os empresarios, que não sabem o que o merito verdadeiro e real.

O *Gymnasio* reverdece, e juntando as flôres e louros que tem colhido, offerece agora ao publico uma mimosa *grinalda, manufacturada* por Ernesto Cibrão, digno rival de Constantino, que de certo as não faz com mais graça, nem mais belleza.

Os *voluntarios da morte* arrancão em cada noite *voluntarios* applausos, cheios da *vida* que nelles reflecte, e que nos garantem o talento do seu autor.

.....
Passemos agora ao tomo 2º. Estamos em frente a um grande vulto... qual é?...

Ci-git... point de nom... demandez au portier.

E' o *Alcazar*! é o novo templo consagrado aos progressos da Francine, que já sabe atirar o corpo para traz e mostrar os *pésinhos*, querendo substituir a Risette — o templo em que das *six demoiselles á marier*, se extravai uma, e sem preceder annuncio nas folhas diárias, nem aviso de gratificação aos pedestres, não vem á presença de respeitavel auditorio — o templo que rouba o somno ao Arnand, desde que a Risette acabou o contrato.

Pois apezar de tudo, é um centro de novidades em que, para variar, nos dão todos os dias os mesmos guisados: aquillo tem suas semelhanças a cada pasto: cá, dão-nos um dia *poulet aux petits pois* pois, no outro *aux champignons*, no outro, outravez *aux petits pois*, lá dão. — *Air de Fiorelle*, depois *Fiorelli á l'air*, depois *Il Baccio*, por Francine, ainda depois *Le Baiser*, por Francine etc. etc.

Tudo caminha, tudo vive, tudo medra, tudo é progresso só eu, pobre chronista, inglezado e mesquinho como o *espírito* de que me servi, vou n'um *decrecendo* horrivel, até que desapareça da terra.

Mas em quanto isso não succeder, indulgencia para o

Serapião d'Arruda.

Bailes mascarados.

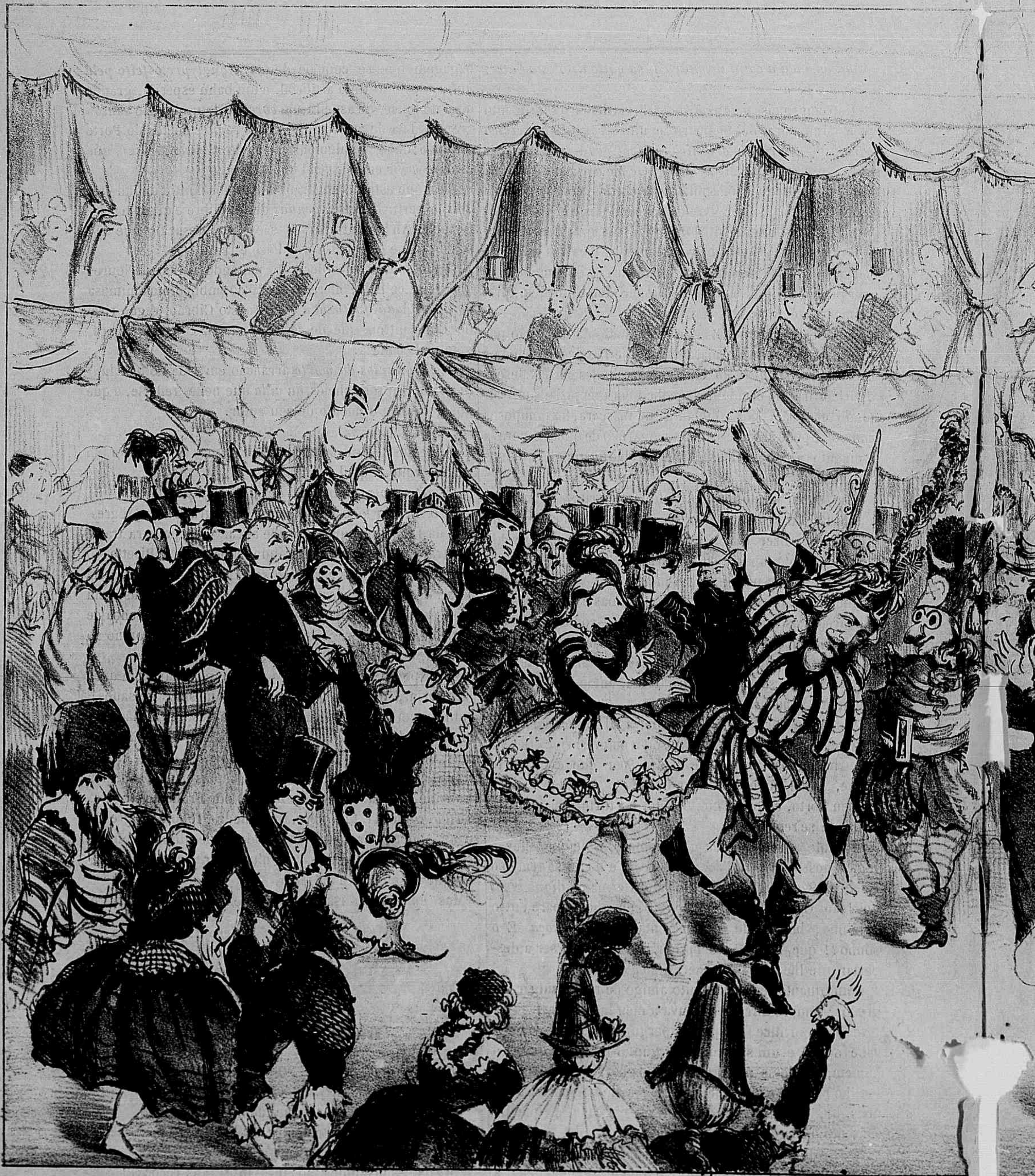
Um baile mascarado apóz o piparo jantar é por sem duvida bella cousa.

Viva pois a folia, e mais que tudo os foliões!

Hurrah! as vozes estridentes, os braços gesticulantes e as pernas pirolantes!

Fóra os desenxabidos, aos massantes, aos rococós!

Vivão sim, uma e mil vezes, as intrigas coruscantes, os ditos excitantes, os requebros palpitantes!





Desde que a facecia inventou o *masqué* houve urros e pulos.

O homem por mais grave que se inculque, aberra muitas vezes dos preceitos racionais, e abraça mais ou menos presuroso os ademans irracionais. E' por isto que os bailes mascarados são o que são, isto é, uma aberração social.

Se porém, lido nas praticas de Aristoteles e Platão, teu espirito se revolta contra isto, à pio leitor, deixa por um momento teu lar domestico, mansão pacifica e salutar, e penetra nesse immenso barracão, outr'ora provisorio, hoje theatro lyrico fluminense, alcança um camarote da 2.^a ordem, e ahi, apoiado a balaustrada, para precaver-te de alguma vertigem, volve um olhar para o recinto....

E' um *mare magnum*. Aqui se agrupão pirrots, débardeurs e chicards, atroando os ares com seus estridentes gritos; alli estão varios titis e dominós tecendo uma rede de intriga, na qual vem cahir o desprevenido *pekin*; acolá grotescos, demonios e furias rugindo e esbravejando, e de permeio se ostenta o inexpressivo, o ante-chulo symbolizando a estultice e a necedade.

Tudo volve e revolve, canta e descanta, diz e desdiz; é um guincho que ensurdece, um brado que arrebatá, um pisco d'olhos que enrubece, um sorriso que captiva, um gemido que entenece, um olhar que faz scismar.

Não é tudo ainda. A orchestra dá signal; recrusdesce o reboliço.

Homens e mulheres, no auge da loucura, porfião a que mais ruido fará rugindo ao mesmo tempo que a orchestra tange.

Negar-lhes-hia a qualidade humana se por ventura seu aspecto não protestasse contra seus ademans.

Ainda me recorda do assombroso effeito que em mim produzio esse singular espectaculo na primeira vez que o presenciei. Julguei-me nas regiões phantasticas decantadas por Hoffmann.

Não me parecião homens esses vultos que diante de mim surgião e se desvanecião, parecião-me antes demonios, cujos olhares fulgurantes me abrasavão, a musica me enebriava e me apegava ao meu lugar....

Amanhã onde estareis chicards fabulosos, titis graciosos, e vós grotescos Zé Pereira?... Amanhã ralhareis vossos filhos, escrevereis folhetins, vendereis empadas ou comprareis o *Merrimac*.... Ireis ás repartições solicitar empregos ou mandareis bugiar solicitadores. Esforçarei-vos por fugir de vossos credores ou mandareis penhorar vossos devedores.... O'! titis, chicards e outros, tornareis a viver da vida de todos os dias. Mudareis a mascara algere pela mascara do diplomata, do negociante ou do meirinho! assumireis a hypocrisia quotidiana e submeterei-vos ás regras da etiqueta!

O'! carnaval, tempo de liberdade, e portanto de verdade, bastão umas lautejoulas ou um penacho sobre vossa cabeça para vos dar o direito de seres verdadeiro. O'! singularidade da especie humana, quando o rosto se mascara a alma se mostra nua!

Passeis chicards, passeis titis, chamando estúpido o homem que vos aborrece nomeando o vendido da vespera e o perjuro de amanhã, passeis pateteando a importancia da fortuna de tal homem e especificando a belleza de tal mulher.

Crrnaval, tempo das revelações fulminantes e das verdades escandalosas, eu te saúdo....

O ultimo estrepito do galope acaba de desvanecer-se sobre esta turba multa delirante. Uma nuvem de pó se levanta até os lustres, e tristonhos se retirão os ullimos mascarados, é a agonia do carnaval. Daqui à meia hora, porém, esta gente, cuja melancolia assoma a face vai em um excesso ainda maior de alegria enterrar o carnaval em acepipes succulentos.

O carnaval pois viveu alegre, e morreu sem duvida do mesmo modo, isto é, ao estampido do champagne e no meio das maiores loucuras que posso imaginar um cerebro em effervescencia.

Viva a mocidade, viva a folia e o barulho.

Tribunaes inglezes.

SPECIMEN DE INTERROGATORIO POR UM MAGISTRADO DE POLICIA DE LONDRES.

O juiz ao queixoso. — Qual é vosso nome?

O queixoso. — Thomaz Ienkins.

Pergunta. — Sois alliado aos Ienkins de Stafford-Shire?

Resposta. — Não, que eu saiba.

P. — Quem são vosso pai e vossa mãe?

R. — Thomaz e Sarah Ienkins.

P. — Estaes certo que vosso pai se appellidava Thomaz?

R. — Penso que sim.

P. — Assististes ao seu baptisado?

R. — Não.

P. — Quem forão padrinho e madrinha?

R. — Ignoro.

P. — Não o deverieis ignorar.... Qual é o nome de familia de vossa mãe?

R. — Martins.

P. — Será parente dos Martins da rua Swallow?

R. — Não.

P. — Bem, então o senhor perdeu uma calça?

R. — Sim.

P. — De que côr?

R. — Azul.

P. — Quem a tinha feito?

R. — Um alfaiate, sem duvida.

P. — Como se chama este alfaiate?

R. — Não sei.

P. — Oh! pois ignoraes o nome de vosso alfaiate?

R. — Não foi meu alfaiate, comprei esta calça já prompta.

P. — Em que lugar?

R. — Na rua Hoilywell.

P. — Onde é esta rua?

R. — No Strand.

P.—Porque motivo fostes comprar uma calça tão longe de vossa casa?

R.—Fazia-me mais conta.

P.—Quando perdestes esta calça?

R.—Hontem de manhã.

P.—Em que momento?

R.—Logo que me levantei.

P.—A que horas?

R.—A's 6 horas.

P.—Da manhã ou da noite?

R.—Da manhã, pois se eu levantava-me.

P.—Ha pessoas que se levantão á noite?

R.—E' verdade.

P.—Então ella vos foi roubada?

R.—Sim.

P.—Quem foi que a roubou?

R.—O accusado.

P.—Como o sabeis?

R.—Achando minha calça sobre elle?

P.—Isto não é uma prova?

R.—Demais elle não nega.

P.—Não vem o caso.... vamos, examine bem esta calça e diga-me como pôde provar que ella vos pertence?

R.—Provo por ter meu nome escripto na cintura.

P.—Quem escreveu?

R.—Eu mesmo.

P.—Onde aprendeu a escrever?

R.—Na escola.

P.—Que escola?

R.—Na escola das casacas azues. (1)

P.—O que está a fallar em casacas azues, trata-se de uma calça azul.

R.—E' o nome da escola.

P.—Sabeis se a pessoa que vos vendeu a calça era o legitimo possuidor?

R.—Não posso affirmar.

O juiz.—Neste caso, é até prova do contrario, é possível que a calça fosse roubada pela pessoa que vol-a vendeu; e como na minha opinião não é crime subtrahir objectos roubados, fica adiada a queixa.

Migalhas.

Uma palavra vergonhosa — Para os monarchas, é uma dotação.

Para os presidentes, é uma indemnidade.

Para os litteratos—direito de autor.

Para os ministros—um tratamento.

Para os jornaes do poder—uma subvenção.

Para os criados—salarios.

Para as camelias—uma prova d'affecção.

A palavra desprezada, aborrecida, que queima a lingua, jão tereis adivinhado.... é dinheiro.... este maldito dinheiro excommungado e sempre tratado de *ouro corruptor e vil metal*.

(1) Nome de uma escola de meninos pobres.

Porque tanta repugnancia para a palavra, quando se repugna tão pouco a cousa?

O' hypocrisia!

Do Brasil a mulata, a cocada a cadeira no senado.

Pequeno dialogo no boulevard Carceller.

— Doutor, como estaes alegre.

Podera não, acabo de saber que meu amigo B. acha-se restabelecido.

— Esteve doente?

— Muito, mas hoje está salvo.

— Então não foste chamado.

Li ultimamente este pensamento philosophico:

« Uma boa cabra, uma boa mula, e uma boa mulher fazem ainda tres bichos nocivos! »

G. é intelligente e pobre — duas razões que o obrigão a viver modestamente e retirado, mora em uma casa da cidade Nova, por cima de um ferrador.

Ha algum tempo um filho de millionario muito tolo, e sobre tudo muito insolente, dizia a G.:

— Meu caro, em que quarteirão sem nome morastu, em que horrivel casa.

— Não falle mal de minha casa, replicou G, moro por cima do seu sapateiro.

Um hungaro mostrava n'um museo phrenologico dous craneos de diferentes tamanhos.

— A quem pertenceu este grande? perguntou-lhe um espectador.

Ao celebre Ragossi, respondeu o hungaro.

E o pequeno?

Tambem a Ragossi, mais quando era ainda criança.

Que differença existe entre um omnibus vazio e um bebado? perguntava o Vasques encontrando-se com o Graça, Ora não sei, respondeu este, estou a procura de meu pito e não quero masso.

Pois meu tolo é muito simples, um omnibus bambea e vacilla quando está vazio, e o bebado vacilla e bambea quando está cheio.

Um homem completamente de luto, para um amigo que se desfaz em condolencias.

Não se lamente tanto, foi só minha mulher que morreu.

A redacção do *Merrimac* está authorisada a offerecer um mimoso premio a quem traduzir a seguinte carta de synonymos:

Meu custoso gosto.

Não vou á *pingua agua* presença, porque tenho o meu *masculino* com uma *moita leza* no lombo; quizera *contrahir-lhe divida* o favor de dizer ao seu *aquiolphato* que vomite no *isempto preceptor*, *descanço da tumba curta* quantia que agora *cumplice gordura*.

Sou seu *veado*

Synonymo Vaz Mendes.

ALBUM DO MERRIMAC



AS AZAS DE UM ANJO: